

Luiz Ruffato. *O antigo futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 218 p.

“Nossos antepassados somos nós mesmos!”

Luiz Ruffato, *O antigo futuro*.

Esta resenha poderia ter como título “*O antigo futuro*, de Luiz Ruffato, e nossa condição líquida”. Na evidente alusão à sociologia de Bauman, a leitura aqui desenvolvida busca observar, à luz do romance de Ruffato, como a modernidade líquida tem contrastes a depender do ponto onde se está. Há densidades relativas aos diferentes pontos no fluxo histórico e o que pode ter sido sólido em alguns espaços industrializados do passado ocidental talvez nunca o tenha verdadeiramente sido em sociedades de economias emergentes ou subalternas. De certa forma, o que Bauman percebe na modernidade líquida, a “exposição dos indivíduos aos caprichos do mercado de mão de obra e de mercadorias” (2007, p. 9), o poder do Estado abreviado, em organizações sociais que “se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las” (2007, p. 7), tudo isso parece ser não um estágio em países mais pobres, mas uma condição.

Para Bauman, na passagem do mundo sólido para o líquido, a sociedade está colocada como um “playground de forças globais” (2007, p. 19) com a falência dos processos do Estado de segurança: “‘Aberto’ e cada vez mais indefeso [...] o Estado-Nação perde a força, que agora se evapora no espaço global” (2007, p.31). A realidade líquida, que obriga aos sujeitos à privatização de todos os recursos possíveis para própria sobrevivência, sob um novo individualismo, do “todos contra todos”, no “enfraquecimento dos vínculos humanos e definhecimento da solidariedade (2007, p. 30), surge como outra etapa, mais atual, à circunstância de Estados que já tiveram como projeto nacional a associação “sólida”, ora conflituosa, mas de certa forma complementar, entre Capital e Trabalho. Em outros países, os subdesenvolvidos, contudo, outrora terras de “oportunidades”, possivelmente tal projeto jamais tenha se feito em pé. Talvez, sobretudo no Brasil, sejamos líquidos “pela própria natureza”.

As decorrências da globalização negativa talvez já se fizessem presentes desde sempre no país que recebia seus imigrantes da Europa. Bauman adverte que a ruptura da relação entre o local (europeu) e o global está na base histórica e social dos fenômenos da modernidade líquida:

Recentemente”, neste caso significa *tardamente*, numa época em que o planeta já está cheio, não há “terras vagas” para servirem de depósito de lixo e todas as assimetrias das fronteiras se voltam firmemente contra os recém-chegados à família dos modernos. Outras terras não convidarão os excedentes de outros povos, nem podem ser obrigadas a acomodá-los como elas próprias foram no passado. Em oposição aos produtores de lixo de outrora, que costumavam buscar e encontrar soluções *globais* para os problemas produzidos *localmente*, esses “retardatários da modernidade” são obrigados a buscar soluções *locais* para problemas causados *globalmente* – com chance de êxito mínimas, na melhor das hipóteses, mas com muita frequência inexistentes. (2007, p. 38-39).

No passado, um problema local europeu se resolveu globalmente. Vendidas como Novo Mundo no Velho Continente, as Américas representavam uma terra de esperança e de felicidade. Imaginados como utopia, esses territórios, contudo, nada mais eram do que o escoadouro ao excedente europeu, atingido pelo desemprego, pela fome, pela superlotação em centros urbanos degradados. Esse ralo, é claro, teve seus limites e hoje, em qualquer lugar, em qualquer cidade, *há um problema global que não ser resolve localmente*. Não há oportunidades a todos, não há lugar para tantos, o que não impede novos fluxos, frequentemente orientados por iniciativa e desespero individual, na busca por algum socorro particular nos países mais ricos. Desses fluxos e desse desespero trata o romance *O Antigo Futuro*, de Luiz Ruffato, com mais um sinal: em nossa história, mesmo superada no passado a exclusividade da economia agrária e advindo o esforço de industrialização, talvez jamais o Estado-Nação tenha, nestas terras de “oportunidades”, oferecido algo que se garantisse aos sujeitos como alguma possibilidade sólida de estabilidade. Desde o início foi oferecida aos “recém-chegados” a esta terra a mesma experiência dos atuais “recém-chegados à família dos modernos”, na (des)ordem de uma hostilidade social que parece ser parte de nossa identidade.

Narrado em retrospecto, de 2016 a 1916, o enredo de *O Antigo Futuro* envolve a saga da família Bortoletto, sua saída da Itália, seus primeiros movimentos no capitalismo agrário brasileiro, seu ingresso em meio urbano e na economia industrializada, com uma posterior fuga à vida clandestina nos Estados Unidos. A cada

parte, um membro da família é o foco de uma fração de nossa vida política em contextos sociais e econômicos específicos, quando a existência privada é atingida também pelas ocorrências individuais do destino. Em capítulos curtos, nas quatro grandes partes do romance, há uma espécie de historiografia do trabalho e da sobrevivência. De um momento sem garantias, pós-escravidão, passando por estágios algo mais sólidos, ainda que ilusórios, da economia liberal urbana, a atualidade retorna a uma mesma realidade passada, sem qualquer fiança, onde tudo se dispõe e se dissolve, em um mundo sem portos seguros. A forma de narrar, em uma trama que sai do agora e vai ao antes, em capítulos regressivos, do quarto ao primeiro, em uma viagem pelo retrovisor, oferece, no todo, um trajeto que, por si, se manifesta nas partes: um espiral de derrotas às personagens que se explicam por razão de cada decisão anterior, seja própria, seja de outro, de algum familiar ascendente atormentado. Nos Estados Unidos se atualizam as desesperanças que acompanham episódio a episódio, viagem a viagem, evasão a evasão, da Itália ao Brasil, em um escoo final à clandestinidade. Na América do Norte, Alex, o membro mais atual dos Bortoletto, sente que ser indesejado é algo que não surge como novo no recente território de mais uma tentativa: “Acuados, habitavam o limbo do mundo. Viviam aterrorizados pela possibilidade iminente de serem descobertos, capturados e devolvidos a um país que também os rejeitara.” (RUFFATO, 2022, p. 68).

A decisão particular de fuga, pela impossibilidade local, no Brasil, de garantias, mostra o quanto no próprio território de nascimento a esperança não há. Alex deixa o Brasil quando o acaso (na realidade um “acaso” social, decorrente da violência urbana) dissolve sua família. Mas mesmo sua saída, após a tragédia familiar, como um dos últimos momentos da saga – na ordem do discurso, parte final do primeiro grande capítulo (de número IV) – com título “Futuro do presente”, dá-se sob o sentimento de impotência que sempre foi e sempre será a mácula aos que a modernidade tornou excedentes:

Alex sentia desdém por aquele bando de expatriados que assistia as pregações do padre Ademir tentando encontrar algum lenitivo nas palavras, algum conforto em considerar que tudo que ali experimentavam – a solidão, a saudade, a humilhação, a tristeza, a insegurança, a frustração – vincula-se a um plano superior. Ele não acreditava em nada nem em ninguém. Se Deus existir, pensava, trata-se de um ser abjeto e cruel, que se regala com o sofrimento humano. [...] *Alex já não conseguia olhar para o futuro, pois sabia que há nada lá.* (RUFFATO, 2022, p. 70-71. Grifo nosso).

A palavra “futuro”, aliás, está no título de cada parte final dos quatro grandes capítulos. No segundo do desenvolvimento, terceiro na ordem dos acontecimentos, o foco é no pai de Alex, patriarca que tenta unificar a família em um sobrado/prédio ampliado em São Paulo. Ali reúne os filhos e os netos, agrega genro e nora, busca na estrutura da casa alguma proteção e solidez. Sem esposa, empregado subalterno e empreendedor informal, Dagoberto vem de Cataguases, de uma infância e juventude de decepções, a começar pela própria criação familiar. Sonha, então, com vida nova em uma metrópole, em São Paulo, mas suas tentativas, mesmo ao fazer tudo o que julga correto, desdobrando-se em “horas-extras”, pouco parecem levar a alguma realização. A parte final do capítulo, “Futuro subjuntivo”, apanha Dagoberto insone, ao amanhecer, antes de uma (a única) viagem de passeio com a família. Sua memória transita pela angústia do não lembrar, do não saber dos irmãos, de não saber mesmo de si. Sua vida é um transcorrer sem direção prevista, quase como um sonho do qual acordaria criança novamente, aos oito anos, em um domingo feliz. No contraponto desse sonho, uma esperança vã, quase incrédula: “as coisas têm que dar certo, ele repete, têm que dar certo” (RUFFATO, 2022, p. 145).

O passo anterior da saga focaliza o patriarca Aléssio. Aqui há na narrativa a formação de uma burguesia urbana mesmo que nos interiores. O país está em mudança, em processo de industrialização. O passado dos Bortoletto é agrário, em fazendas nas quais “sobreviviam do fumo colhido entre dezembro e janeiro, do feijão que plantavam em outubro, do milho que colhiam entre fevereiro e março, do arroz que plantavam em setembro” (RUFFATO, 2022, p. 159), dentre outros alimentos de cultura de subsistência. Importa que essa ideia de ciclo, no programado dos meses e dos cultivos, incorpore em ruptura posterior, uma linha reta de progresso, pois Aléssio, na contemplação do “monstro de ferro” na plataforma da Estação do Diamante, decide partir nos trilhos de um novo momento de vida, fora da recorrência de um tempo “consumido na roça, solapado por desgraças, infortúnios, soberbia” (RUFFATO, 2022, p. 163). A questão é que a simples mudança de lugar não garante mudança de ventura. O pai de Dagoberto será um deslocado constante, entre empregos até se alocar em uma tecelagem em Cataguases. Como forma manifesta de deslocamento, vive a proibição da sua língua de criação, o italiano, pelo Estado Novo, a ponto de todos, na família, tornarem-se “mais desconfiados, mas ensimesmados,

mais temerosos.” (RUFFATO, 2022, p. 173). O “Futuro do pretérito”, que encerra o segundo ciclo na ordem dos acontecimentos, tem o nascimento de um filho, em um parto difícil para Constança. Por fim, Rodeiro é o ponto de origem do *Antigo Futuro*, ou melhor, ponto de chegada dos excedentes italianos em 1916. Este capítulo combina com o primeiro, em um dia específico, “seis de agosto”.

Abramo chega com a família ao Brasil, em uma viagem de navio em condições abjetas. A terra da promessa aqui, a bordo, se antecipa no seu contrário pelo arruinamento de todos os projetos, no que um dos passageiros, Vermiglio, brada no convés superlotado, “alertando os compatriotas que o *Demônio* em pessoa comandava aquele navio, guiando-os direto ao Inferno”, o *Brasile*, onde “anjos decaídos”, com “chicotes com pontas de chumbo”, forçariam os recém-chegados “a trabalhar nus, de domingo a domingo” (RUFFATO, 2022, p. 208). E em breve confirma-se, em terras brasileiras, onde, no pós-escravidão, progride um gradual processo de branqueamento populacional com a chegada planejada de mão-de-obra europeia, que os modos produção reproduzirão ao imigrante muito da anterior condição servil dos negros. Os Bortoletto conhecerão as marcas da máxima exploração do trabalho, em remuneração mínima, ocupando a roça sob ordens de um patriarca proprietário. Ali é mais um ponto de partida, para uma nova viagem, para um novo trabalho na roça, uma nova esperança a um futuro que sempre promete e jamais confere. “Futuro”, assim, fecha a narrativa, na quarta parte, primeira na ordem dos acontecimentos. Ali morre o patriarca, de uma ferida infeccionada por um resvalo de enxada no peito do pé.

O mês de agosto de 2016, décadas posteriores de agosto de 2016, marca, como observa André Nigri (2023, p. 440), a história recente do Brasil. É o mês da votação do *impeachment* de Dilma Rousseff, quando em 31 se dá o seu afastamento definitivo no Senado da República. A alusão não é aleatória. Nesse ponto, a narrativa literária propõe uma releitura da história em um enredo não narrado no andar dos fatos que se apresentam em *O Antigo Futuro*. E indica que, se o discurso pode andar para trás nos tempos, a política também pode retroceder em ações e valores. A vitória da extrema direita no Brasil, em 2018, encontra em Bauman, em seus últimos trabalhos, termo que a explique. Bauman chamou, em uma nova era de nostalgia, em “revivificações nacionais e nacionalistas” (2017, p. 6), como “retrotopia” a negação da negação da

utopia, no temor ao futuro e na ansiedade por um passado “perdido/roubado/abandonado” (2017, p. 8), que nunca existiu realmente:

Tendo perdido (ou dado as costas a) todas as visões de uma sociedade alternativa do futuro (melhor), e associando o futuro, se não a algo “pior que o presente”, à ideia de “mais do mesmo” (mais um aumento de salário, mais uma promoção funcional, mais um novo gadget, mais umas férias, mais uma mudança na moda de roupas, carros, papéis de parede), não admira que, ao procurar ideias genuinamente significativas, nós nos voltemos de forma nostálgica para as grandes ideias sepultadas (prematuramente?) do passado. *Nós podemos concluir que a visão de uma “vida melhor” se desembarçou do casamento celestial com o futuro.* (BAUMAN, 2017, p. 119. Grifo nosso).

O antigo futuro é sobre esse retrocesso que nunca se supera, que sempre chama o olhar aos espelhos retrovisores e mostra que talvez, nem saibamos, estejamos continuamente andando de ré, ao mesmo que jamais foi, mas que nunca passou, à esperança no sentido de ilusão ininterrupta, utopia desnutrida de qualquer traço mínimo de possibilidade real prometida. Sobre esse romance de Ruffato, Nigri observa que talvez condense os livros anteriores do autor, sob o ponto de vista de uma única família, ou ainda seja, *O Antigo Futuro*, “como um acerto de contas com um país, desde suas origens, em permanente estado de decomposição e com suas esperanças atiradas no futuro; em um futuro que teima em não vir” (2023, p. 44).

Trabalhos Citados

BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Z. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

NIGRI, A. “Esperanças no futuro que temia em não vir.” *Quatro Cinco Um*. São Paulo, n. 65, jan. 2023.

RUFFATO, L. *O antigo futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Miguel Rettenmaier

Professor titular e pesquisador
do Programa de Pós-graduação
em Letras da Universidade de
Passo Fundo; membro da
coordenação das Jornadas
Literárias de Passo Fundo.